



VIRGÍLIO CASTELO
FOI UM DOS
MEMBROS DO JURI

Falta de qualidade resultou na não atribuição do Grande Prémio de Teatro Português da Sociedade Portuguesa de Autores/Teatro Aberto

A ausência de qualidade necessária à produção de um espectáculo foi a causa da não atribuição do Grande Prémio de Teatro Português 2006 Sociedade Portuguesa de Autores (SPA)/Teatro Aberto, disse ontem à agência Lusa fonte da SPA.

Museu Quinta das Cruzes prepara catálogo de glíptica e vai abrir um Café nos jardins

A instituição anuncia novos atractivos, ao mesmo tempo que promove a investigação cuidadosa das suas colecções. No Café, ficará exposto um orquestrófone

FOTOS AGOSTINHO SPÍNOLA



O novo espaço do Café, concluído há poucos dias, e que deverá começar a funcionar ainda este ano.



O orquestrófone, um instrumento de feira. Em baixo, um camafeu (sécs. XVI-XVIII), do núcleo de glíptica.

Luís Rocha
lrocha@dnoticias.pt

O Museu Quinta das Cruzes está a preparar o lançamento, para o primeiro semestre do próximo ano, de um catálogo sobre a sua colecção de glíptica, que nunca foi exposta ao público. De acordo com a directora da instituição, Teresa Pais, o novo catálogo deverá ser lançado em 2007, no Dia Mundial dos Museus (18 de Maio). Este catálogo surgirá na sequência de duas edições recentes de catálogos de investigação, com bastante qualidade, dedicados à colecção de porcelana da China do Museu Quinta das Cruzes, e à colecção do português Jorge Mota, ali exposta entre Novembro de 2005 e Fevereiro de 2006, numa mostra denominada "Um Olhar do Porto".

De acordo com as especialistas Raquel Casal e Graça Cravinho, «a palavra Glíptica deriva do verbo grego "gluptw", que significava a arte de gravar pedras duras por incisão (os entalhes) e que, mais tarde, designaria também o trabalho de desbaste, em camadas, das pedras policromas (como a ágata, o ónix e o sardónix) de modo a fazer sobressair as figuras talladas em relevo (os camafeus). Contudo, há que ter sempre em conta que, na terminologia arqueológica,

quando empregamos a palavra Glíptica estamos a referir-nos ao estudo de gemas gravadas (pedras preciosas e semi-preciosas)».

PEÇAS DE GLÍPTICA ANTERIORES À ERA CRISTÁ

A colecção de glíptica do Museu (criada a partir de um núcleo inicial doado pelo ourives César Gomes) inclui peças antigas, romanas, datadas desde o terceiro século a. C. até ao século IV da nossa era, e peças modernas, datadas do séc. XVI ao XIX. É mais de uma centena destes pequenos objectos (que, refere Teresa Pais, tinham diversas utilizações, enquanto adornos, ou objectos pessoais, por exemplo, sinetes, usados para marcar correspondência).

As duas académicas responsáveis pelo estudo destas pequenas e singulares peças, Raquel Casal e Graça Cravinho, são, respectivamente, de nacionalidade espanhola e portuguesa. Raquel Casal, da Universidade de Santiago de Compostela, foi quem procedeu à investigação para os catálogos de glíptica do Museu de Arqueologia de Madrid. Por seu turno, Graça Cravinho, uma das poucas especialistas portuguesas na matéria, está a realizar uma tese de doutoramento sobre glíptica, orientada por Raquel Casal.



«Já temos as entradas de catálogo e a maquete gráfica», explicou ao DIÁRIO Teresa Pais. «Para o ano, simultaneamente com o lançamento do catálogo, queremos expor esta colecção, pela primeira vez, ao público». Se tudo correr como o deseja a directora do Museu Quinta das Cruzes, as duas investigadoras ibéricas virão também à Madeira para protagonizar uma conferência sobre o trabalho de estudo desenvolvido.

A exposição a realizar tem de ser cuidadosamente calculada, pois, dadas as dimensões minúsculas das peças de glíptica, «há um grau de dificuldade na museografia desse nú-

cleo». É preciso criar um contexto apropriado, com recurso a painéis fotográficos ou a equipamentos informáticos, facilitando-se, de diversas maneiras, o visionamento destes pequenos objectos e a compreensão do modo como surgiram e eram utilizados.

NOVO CAFÉ JÁ ESTÁ CONCLUÍDO E COMEÇA A FUNCIONAR ESTE ANO

Entretanto, o Museu Quinta das Cruzes está também a ultimar um importante trunfo numa instituição museológica moderna: a existência de um Café, devidamente enquadrado no espaço dos jardins e dotado de vista sobre a cidade. A estrutura, criada pela arquitecta Filipa Abrantes, da Direcção de Serviços do Património da DRAC, foi concluída há cerca de duas semanas e criará mais um pólo de atracção de público, pela agradabilidade do espaço e da sua envolvente.

O novo Café, que oferecerá também refeições ligeiras, inclui uma área de exposição para o orquestrófone, um curioso instrumento musical, que funciona com cartões perfurados, adquirido pelo Visconde de Caçongo na Exposição Universal de Paris, em 1900, e que, além da beleza do seu aspecto, é capaz de debitar uma sonoridade surpreendente.

O orquestrófone está a ser recuperado pelo organeiro açoriano Dinarte Machado (que já recuperou vários órgãos da Região, entre os quais o da Sé Catedral). A sua estrutura em madeira está também a ser restaurada por Maria José Guedes, do atelier Isopo, após uma desinfectação total, que se revelou necessária. A definitiva recuperação e exposição pública do orquestrófone num espaço condigno, onde ficará pronto a ser tocado em circunstâncias especiais, é o culminar de um longo processo, desde que o instrumento foi adquirido pela Região, já há várias décadas. Teresa Pais sublinha o seu carácter de raridade: é um dos poucos de Portugal, e certamente o único existente na Madeira.

Perto do Café, o Museu vai abrir também um espaço destinado a albergar um pequeno Centro de Documentação, oferecendo ao público a possibilidade de consulta, inclusive informática, de uma série de obras temáticas. Entretanto, o Museu tem planos para publicar outros catálogos: já se encontra estudado o núcleo de joalharia (por Leonor d'Orey, do Museu Nacional de Arte Antiga); e está em estudo o núcleo de faiença portuguesa. «Também a nossa colecção de mobiliário merece um catálogo temático», sublinha Teresa Pais, «assim como o núcleo de pratas».